

## REFLEXOS DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES NA TERCEIRA IDADE: NARRATIVAS EM TELECOLABORAÇÃO

---

*Reflections of Teaching Experiences in Older Age: Narratives in Telecollaboration*

DOI: 10.14393/LL63-v41-2025-3

Victor César de Oliveira\*

Rozana Aparecida Lopes Messias\*\*

---

**RESUMO:** O capitalismo impõe que os sujeitos sejam valorizados pelo trabalho. Assim, ao saírem deste ciclo, os idosos são, em maioria, marginalizados. Para contornar tal situação, muitos buscam memorar suas práticas como modo de satisfação e prestígio. Dado o exposto, apresentamos um recorte de uma investigação que visou estabelecer práticas telecolaborativas entre professoras aposentadas e alunos universitários estrangeiros. Baseados nos estudos de experiência, narrativa e telecolaboração, analisamos relatos orais das participantes. Neste artigo, focalizamos os excertos nos quais a memória laboral foi o cerne do diálogo, justificado, como estratégia da problemática exposta. Buscamos, na observação das narrativas, formas de compreender como as memórias de trabalho das idosas foram apresentadas e como colaboraram para as discussões intergeracionais. Observamos que revisitá suas antigas ocupações pôde trazer regozijo e (auto)valorização para as mesmas. Entendemos que o presente artigo potencializa os estudos de envelhecimento, ao propor uma visão ativa e positiva dos sujeitos idosos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Envelhecimento. Docência. Telecolaboração. Pesquisa narrativa.

**ABSTRACT:** Capitalism requires that people be valued for their work. Therefore, when leaving this cycle, the elderly are, for the most part, marginalized. Many seek to memorialize their practices for satisfaction and prestige to overcome this situation. Given the above, we present an excerpt from an investigation to establish telecollaborative practices between retired teachers and foreign university students. Based on experience, narrative, and telecollaboration studies, we analyzed oral reports from the participants. In this article, we focus on the excerpts in which working memory was the core of the dialogue, justified, as strategy for the exposed problem. By observing the narratives, we sought ways to understand how the elderly women's work memories were presented and how they contributed to intergenerational discussions. We observed that revisiting their old occupations could bring joy and (self)valuation to them. This article enhances aging studies by proposing an active and positive view of elderly subjects.

**KEYWORDS:** Memory. Aging. Teaching. Telecollaboration. Narrative Inquiry.

---

---

\* Doutorando em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT/UNESP). ORCID: 0000-0001-8034-410X. E-mail: victor.oliveira(AT)unesp.br.

\*\* Livre docente em Metodologia de Ensino de Línguas Estrangeiras pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCL/UNESP). ORCID: 0000-0001-8885-0525. E-mail: rozana.messias(AT)unesp.br..

## 1 Envelhecimentos: políticas e práticas educacionais

A educação ao longo da vida (Cachioni, 2023) é um tema que tem ganhado destaque nas últimas décadas, especialmente em uma sociedade que valoriza o conhecimento contínuo e a adaptação às constantes mudanças sociais e tecnológicas. Nesse contexto, a Terceira Idade (TI) emerge como um grupo que busca na educação, novas formas de inserção social, realização pessoal e revitalização de sua identidade (Tavares; Menezes, 2020).

Em paralelo a tal quadro, na sociedade contemporânea, marcada pelo capitalismo globalizado, o trabalho ocupa um papel central na construção da identidade e do valor social dos indivíduos (Tavares, M. A., 2020). Para muitos, a vida laboral não se restringe a um meio de sustento, mas, torna-se uma fonte fundamental de realização pessoal e pertencimento social. Diante desse cenário, a aposentadoria, longe de ser uma simples transição para o descanso, pode representar um desafio significativo.

Nesse sentido, Custódio (2018, p. 11) complementa que “a velhice é desvalorizada por não ser um momento de produtividade do trabalhador, sendo associada ao ócio, a dependência e os idosos são recorrentemente culpabilizados por seu estado de pobreza, necessidade de ajustes fiscais e crises econômicas”. A sociedade capitalista (Marx, 2017), que valoriza a produtividade e o desempenho, tende a relegar os idosos a uma posição marginalizada, uma vez que não estão mais diretamente envolvidos na força de trabalho.

No entanto, ao retornarem aos estudos, esses idosos desafiam esse processo de marginalização. Dentre aqueles que retornam às salas de aula, estão professores aposentados que se (re)apropriam do espaço educacional como uma forma de continuar contribuindo, agora não mais como agentes do ensino, mas como aprendizes. Essa dinâmica permite uma reflexão crítica sobre o papel da educação na vida dos idosos e o potencial transformador do aprendizado contínuo em uma sociedade que frequentemente subestima seu valor.

O envelhecimento populacional é uma realidade crescente em muitas comunidades ao redor do mundo (OMS, 2015), revisitando a necessidade de repensar as políticas públicas e as estratégias educacionais voltadas para a TI. Em vista disso, o “Relatório Mundial sobre o Idadismo” (*Global report on ageism*), para a Campanha mundial de combate o Idadismo, em 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou, ao todo, três estratégias com vistas a tal

finalidade, sendo: 1) “Políticas e leis”; 2) “Intervenções educacionais” e 3) “Intervenções de contato intergeracional”.

Além da iniciativa da OMS, a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), em um plano adotado pelos Estados Membros, em 2015, apresenta como mote a promoção do desenvolvimento sustentável em suas dimensões econômica, social e ambiental. Tal plano compõe-se por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e a Agenda tem em vista erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir que todas as pessoas desfrutem de paz e prosperidade até 2030.

Focalizando o objetivo 4 “Educação de qualidade” e o 10 “Redução das desigualdades”, compreendemos que as universidades desempenham um papel fundamental na promoção do envelhecimento ativo, oferecendo projetos sociais voltados para o público idoso, como, por exemplo, as Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATI). Tais programas são fundamentais para fomentar a inclusão social, a saúde mental e o bem-estar dos idosos, proporcionando-lhes oportunidades de aprendizagem, socialização e desenvolvimento pessoal (Moraes-Caruzzo, 2023; Moraes-Caruzzo, Oliveira, 2023).

Especificamente para professores aposentados, que dedicaram suas vidas ao ensino, esses programas oferecem a oportunidade de manter viva sua relação com a construção do conhecimento, agora de uma nova perspectiva. Ao voltarem a estudar, esses profissionais não só reafirmam seu valor como aprendizes, mas, também, se envolvem em um processo de renovação de suas identidades, contribuindo para sua saúde emocional e social (Azevedo *et al.*, 2024).

Tendo como escopo as ideias sobre o envelhecimento em um mundo globalizado, ancorado na política capitalista, bem como os programas de inserção dos idosos no contexto educacional, é que lançamos nosso olhar sobre a narrativa de professoras aposentadas que participaram do programa de extensão (UNATI), como alunas de língua inglesa e espanhola, na Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCL/UNESP).

O presente artigo configura-se como um recorte de uma investigação maior (dissertação) intitulada “Encontros Transculturais e Histórias na Terceira Idade: Uma

experiência em Teletandem”<sup>2</sup>, desenvolvida pelo primeiro autor e orientada pela segunda autora, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, campus de Presidente Prudente. No caso específico do texto que ora apresentamos, observamos, conforme exposto, as narrativas produzidas por tais idosas durante sua participação em sessões de telecolaboração (Teletandem) com jovens estudantes de duas universidades estrangeiras.

## 2 Telecolaboração na Terceira Idade: Teletandem como mediador de histórias de vidas

A internet e as tecnologias digitais estão presentes em nosso dia a dia e nos fornecem inúmeras ferramentas tanto para o trabalho, quanto para a comunicação e o lazer. Dentre essas possibilidades, destacamos as práticas de Teletandem e outras categorias de telecolaboração que se configuram como contextos importantes para maximizar o processo de ensino e de aprendizagem de línguas estrangeiras (LE).

O'Dowd (2013, p. 123) afirma que a telecolaboração “é a aplicação de ferramentas de comunicação online para aproximar aprendizes de línguas geograficamente distantes no intuito de desenvolver as habilidades na língua estrangeira e a competência intercultural”.

Assim sendo, entendemos que a telecolaboração é um termo guarda-chuva no qual a prática de Teletandem está inclusa. Nesse sentido, Oliveira *et al.* (2023, p. 239), explicitam:

Em meio aos projetos de intercâmbio virtual amplamente difundidos na atualidade, destaca-se a pioneira proposta da prática de teletandem, que teve início na Unesp no ano de 2006 (Telles; Vassallo, 2006). Trata-se de um contexto de intercâmbio virtual em âmbito institucional que tem contribuído para a formação de discentes de graduação e pós-graduação bem como membros da comunidade externa à universidade. As práticas oportunizadas pelo contexto Teletandem visam a aperfeiçoar a proficiência da língua estrangeira e o intercâmbio cultural entre seus participantes.

Nessa conjuntura, cada par é formado por um aluno de uma universidade brasileira e um aluno de uma universidade estrangeira. Assim, usam suas respectivas línguas nativas (ou de proficiência) e, com isso, aprendem a língua nativa (ou de mais proficiência) do outro via aplicativos de webconferência (Telles, Vassallo, 2006).

<sup>2</sup> Como procedimento obrigatório, a pesquisa de mestrado foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT/UNESP).

As pesquisas sobre Teletandem e telecolaboração, em geral, já vêm sendo exploradas desde quando tais termos surgiram. No entanto, investigamos um novo viés nos estudos sobre Teletandem, considerando-o como ambiente que oportuniza a exploração das potencialidades de um público marginalizado – a Terceira Idade.

Tendo em vista a problemática explorada no tópico anterior, somamos as práticas telecolaborativas à questão da educação para idosos. Dessa forma, conforme apontado, ilustramos o resultado de uma ação de inserção de alunas da UNATI, da Faculdade de Ciências e Letras, campus de Assis (FCL-UNESP/Assis), no contexto telecolaborativo de práticas de Teletandem.

Entendemos que a conexão entre alunos idosos de línguas (inglesa e espanhola) e práticas de telecolaboração, mediadas pela tecnologia, pode propiciar, além do ensino e da aprendizagem de línguas estrangeiras para os idosos, um lugar em que eles tenham espaço para narrar suas experiências de vida nas interações e vivenciar os efeitos dessas narrativas, principalmente no que concerne às memórias laborais.

### 3 Metodologia

O cenário em que desenvolvemos nossa investigação configurou-se pela junção de duas ações desenvolvidas no campus da UNESP/Assis: a UNATI e o Teletandem. No contexto das aulas de língua inglesa e espanhola, ofertadas na UNATI, inserimos práticas de Teletandem em parceria com uma universidade estadunidense e uma mexicana. Assim, alunas idosas de línguas estrangeiras (inglês e espanhol) realizaram interações online com alunos estrangeiros.

As sessões de interação ocorreram em seu formato canônico de uma hora, sendo 30 minutos em cada língua nativa (ou proficiente). Nesse caso, a comunicação foi em português-inglês e português-espanhol.

Após tais ações, eram realizadas, junto às alunas, as mediações. A mediação, no contexto do Teletandem, é entendida como um momento de feedback para deflagrar aspectos de aprendizagem e discutir as experiências colaborativas.

As participantes selecionadas para terem seus dados analisados, por uma questão ética de preservação de suas identidades, serão citadas como “Participante 1” e “Participante 2”. A participante 1 tinha 74 anos (quando a dissertação foi defendida, em agosto de 2022),

professora aposentada de Língua Portuguesa e aluna da UNATI, desde 1996, nos cursos de inglês, italiano, francês, espanhol, seresta e forró, fez interação com um aluno jovem (entre 20 e 25 anos) da Universidad del Caribe (UNICARIBE/ México). A participante 2 contava 77 anos (quando a dissertação foi defendida, em agosto de 2022), professora aposentada de História e aluna da UNATI desde 1999 nos cursos inglês e espanhol avançados e fez interação com uma aluna jovem (faixa etária de 20-25 anos) da Georgetown University (Estados Unidos da América) e um aluno jovem (faixa etária de 20-25 anos) da Universidad del Caribe (UNICARIBE/ México).

Expomos, no item a seguir, a metodologia de coleta e de análise de dados.

### **3.1 Metodologia de coleta**

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa de base narrativa (Clandinin; Connelly, 1995), focalizamos nossa coleta de dados por meio de entrevistas livres com as alunas participantes, após as sessões de interação e de mediação do Teletandem. Nesse período, buscamos criar um contexto para deflagrar suas histórias de vida e reflexos do trabalho pregresso nas sessões telecolaborativas. As entrevistas constituíram-se em forma de conversa, em visitas presenciais às casas das participantes, de modo em que elas se sentissem mais à vontade para compartilhar suas histórias.

### **3.2 Metodologia de análise**

Compreendemos que a experiência tem papel fundamental na História, seja ela individual ou coletiva, por ser carregada de subjetividade e memória, podendo, também, atuar como método preventivo. Assim, como afirma Dewey (1979, p. 152), “quando experimentamos alguma coisa, agimos de acordo com isso, fazemos alguma coisa com isso; ou seja, sofremos ou sentimos as consequências”.

Quando relacionamos a continuidade à pesquisa de base narrativa (metodologia aplicada neste trabalho), pode-se dizer que é um estudo introspectivo, extrospectivo, retrospectivo, prospectivo (Clandinin; Connelly, 2011), justamente por ter essa flexibilidade temporal do (re)contar e do (re)viver.

O Pesquisador Narrativo, parte importante da pesquisa, além de colher as memórias de outrem, é, também, interpelado por elas. Deixando banhar-se pela sensibilidade da

significação, cria uma nova narrativa que é o produto de tal colheita junto à sua própria subjetivação. Ou seja, o gesto interpretativo sobre as narrativas constitui uma outra narrativa das narrativas primeiras.

Com o intuito de embasar nossa escolha pela pesquisa narrativa de cunho qualitativo (Lüdke; André, 2013) nos orientamos em Clandinin e Connelly (1995, p. 12) na afirmação de que a

[n]arrativa é tanto o fenômeno que se investiga como o método da investigação [...]. Assim, dizemos que as pessoas, por natureza, levam vidas contadas e contam histórias dessas vidas, enquanto os pesquisadores narrativos descrevem tais vidas, coletam e contam histórias delas e escrevem narrativas de experiências.

As alunas, conforme exposto, são professoras aposentadas, o que nos suscita retomar outro ponto importante para a pesquisa narrativa: o Conhecimento Pessoal Prático. Para Telles (1999, p. 82-83),

[t]rata-se de um conhecimento pessoal porque se acha impregnado de todas experiências que constituem o “ser” da pessoa. Este conhecimento só pode ser compreendido em função do conteúdo afetivo que ele tem para o indivíduo, seu possuidor e, também, em função da historicidade das experiências do sujeito no campo pessoal e profissional.

Dessa forma, o acúmulo de conhecimento que os professores (aposentados, neste caso) carregam são aspectos da práxis pedagógica e, também, do âmbito pessoal, de suas próprias histórias e experiências de vida. Ou seja, o discurso narrativo pessoal pode não ser desassociado do discurso narrativo prático. Assim, notamos que as participantes podem trazer experiências de sala de aula para o contexto educacional do Teletandem, considerando o Conhecimento Pessoal Prático.

#### 4 Resultados (narrativas em telecolaboração)

Como dito anteriormente, este é um recorte de uma dissertação em Educação que contemplou as histórias de vidas de idosas por meio de ações telecolaborativas. Devido à recorrência da temática do trabalho nos dados coletados, compreendemos a importância de discutir sobre as experiências laborais rememoradas na Terceira Idade. Após anos no ciclo do trabalho, supomos que os idosos possam recorrer às suas memórias de profissão com intuito

de justificar algumas escolhas do presente, reviver momentos ou até mesmo tentar barrar o idadismo advindo do modo de vida capitalista (Marx, 2017). Abaixo apresentamos alguns excertos das narrativas das alunas sobre suas experiências nas interações de teletandem.

Pesquisador	O bom de fazer interação com professora de história é isso... já tem os conhecimentos completos, é língua, cultura, literatura, história, geografia, sociologia...
Participante 2	Mas sabe, isso foi influência de um professor que deu aula pra mim na oitava série e também do professor Virgílio que foi meu professor aí na faculdade, aí na Unesp que era o “extinto isolado da USP”, né?! E cada vez que ele dava uma unidade, ele falava da literatura, da pintura, da arte... e a gente ficou encantado, né.
Participante 2	Mas é como se eu tivesse conversando com alguém que estivesse interessado... sem nada, nada, nada certinho como se fosse aula [...] bem fluido, bem... vamos dizer assim, sem ter aquela sincronia de escola... foi uma conversa mesmo.

Excerto 1. Entrevista presencial (Oliveira, 2022)

Participante 1	Eu entrei em literatura, perguntei o que ele conhecia de literatura brasileira, escrevi alguns títulos que seria bom ele ler, né? Ele pediu o nome de alguns livros e eu indiquei Graciliano Ramos e Machado de Assis.
----------------	--

Excerto 2. Entrevista presencial (Oliveira, 2022)

No Excerto 1, o pesquisador, que já conhecia a profissão da aluna, comenta sobre o privilégio do parceiro ao fazer interação com uma professora de história, pois ela estava comentando sobre as ligações interdisciplinares que conduzia durante a sessão ao discorrer sobre algum fato histórico-cultural. Por conta disso, a participante relata a experiência escolar sob duas perspectivas, a de aluna e a de professora.

As memórias são carregadas de sentimentos. Ao tentar justificar o motivo pelo qual buscava fornecer uma informação “completa”, a aluna recorre ao seu passado como aluna e traz à sua narrativa, dois professores que marcaram seu processo educacional e que inspiraram sua própria prática. Notamos que a experiência da professora transborda, atravessa e permanece mesmo fora da sala de aula, por meio do seu Conhecimento Pessoal Prático (Telles, 1999, p. 82-83), que pode ser entendido como “função do conteúdo afetivo que ele tem para o indivíduo, seu possuidor e, também, em função da historicidade das experiências do sujeito no campo pessoal e profissional.

A experiência da Participante 1 pode ser justificada da mesma maneira que a anterior. Como professora de língua portuguesa aposentada, adentrou em um assunto bastante familiar para ela – a literatura brasileira. Adiante, ao receber um pedido de indicação de leitura, recorre aos cânones brasileiros e não aos livros mais contemporâneos, ou seja, refletimos a sua experiência passada no papel de curadora das leituras de seus alunos com fins de aprendizagem, não necessariamente por prazer. A participante 1 parece replicar a lógica com o parceiro de interação, sem mencionar a sondagem dos interesses dele para as indicações, desconsiderando, ainda, o grau de dificuldade da linguagem das obras. Dado o exposto, mais uma vez podemos evocar o Conhecimento Pessoal Prático (Telles, 1999).

Compreendemos que memórias de experiências laborais são comuns na TI. Como discutido, as bases capitalistas da sociedade impõem que os sujeitos sejam valorizados por meio do trabalho. Dessa forma, ao saírem desse ciclo, os idosos podem memorar suas antigas práticas como modo de satisfação.

Na mediação seguinte, a participante 2 volta a falar da sua profissão e como o Teletandem lhe proporcionou uma nova experiência, também, nesse âmbito.

Pesquisador	E como foi essa semana?
Participante 2	Foi muito boa, ele é um menino muito curioso (...) é uma atividade que corre bem, sossegado porque ele tem interesse e... eu não deixo de ser professora, né? O lado professor sempre fala mais alto. Ainda mais que eu sempre gostei da minha profissão.
Pesquisador	Mas pensa só, é algo que você nunca viveu... você nunca deu essa aula em espanhol.
Participante 2	Nunca na minha vida (...) eu nunca pensei que eu ia explicar isso em espanhol.
Pesquisador	Você já passou por muitas experiências profissionais e se aposentou há mais de 24 anos... como é voltar a desempenhar esse “papel” agora no Teletandem?
Participante 2	É de crescimento!

Excerto 3. Entrevista presencial (Oliveira, 2022)

No Excerto 3, a participante 2 reconhece as influências da sua profissão nas interações. Como discorrido anteriormente, as experiências na docência permanecem nos sujeitos, ressaltadas em situações nas quais eles se veem como professores novamente, como nos

encontros virtuais. Entretanto, aqui a participante traz apontamentos novos em sua experiência que estão interligados. O primeiro é o fato da participante se surpreender ao “explicar” os fatos históricos em espanhol, pois, já sendo parte da sua carreira, ela acusa nunca o ter feito na língua estrangeira, causando o segundo ponto que foi a reação positiva dela ao ser questionada pelo pesquisador.

Com a fala do último bloco, notamos que a aluna se sente em um ambiente que a instiga a fazer coisas novas. O ambiente lhe proporciona contextos nos quais ela pode alcançar êxito ao relembrar sua prática docente. Embora reforcemos que o Teletandem não é uma aula de língua, reconhecemos ser importante para as alunas da TI apossarem-se desse espaço para, também, concretizarem memórias, reconstruírem ideias e experimentarem um “novo” modelo de comunicação. Lembramos que, além da explicação histórica em espanhol, a aluna o fez virtualmente.

O próximo excerto indica o momento, durante a entrevista, em que a Participante 2 retrata as influências de seus trabalhos no Teletandem.

Participante 2	Tanto a menina quanto o menino se interessavam muito pela história do Brasil. Interessante que não foi pela república não... foi pelo reinado. O garoto especificou que queria saber a diferença entre a colonização espanhola da colonização portuguesa.
Pesquisador	E como foi pra você falar de História pra eles?
Participante 2	Ah, foi um peixe na água, né!? Eu pude explicar direitinho pra eles como era a colonização, que a portuguesa era centralizadora e a espanhola era descentralizadora... Por isso tantos países hispanohablantes.
Pesquisador	Quando você tava falando dessas coisas, como você se sentia? Porque faz tempo que você está fora da sala de aula, né?
Participante 2	Faz tempo! Eu me aposentei em 97, mas a partir de 92 eu sou professora de história voluntária no seminário... e sou até hoje, porque eles necessitam de uma base histórica pra poder entender a bíblia.
Pesquisador	Mas nas sessões você preparava algo ou falava a partir do que eles pediam?
Participante 2	Daquilo que eles pediam... Eu sempre gostei.

Exerto 4. Entrevista presencial (Oliveira, 2022)

No Excerto 4, podemos observar que a participante 2 mantém vivo o seu “eu profissional” e que o traz para as interações. A aluna explorou as temáticas históricas nas interações, entretanto, assim o fez devido aos pedidos dos parceiros, fazendo com que ela se sentisse “um peixe na água”.

A participante fala sobre a colonização do seu próprio país, mas, também, sobre a colonização do país do parceiro (no caso, a espanhola no México). Dessa forma, entendemos que as interações em Teletandem não são somente para ensinar sobre sua própria história/cultura e conhecer a do outro, mas também compartilhar sobre a história/cultura do outro que ele mesmo não conhece. Sobre isso, os excertos abaixo trazem outros exemplos.

Participante 2	<p>Eu falei muito pra ele sobre as coisas que vi no México... sobre a Frida, o Diego... O Diego era muralista, né? Aí eu contei que vi a escadaria e o que ele tinha pintado, aí ele disse “ainda vou conhecer tudo isso”          (...)          A gente falou muito sobre o folclore e ele gostou muito do negrinho do pastoreio. Quando eu falava da Mula sem cabeça, do Saci Pererê, ele procurava na hora... tudo!</p>
----------------	---

Excerto 5. Entrevista presencial (Oliveira, 2022)

Participante 2	<p>Ele pediu pra eu falar de lendas urbanas e (...) eu achei a da Mula sem cabeça e eu falei que na minha pesquisa, pois eu não me lembra direito, disse que a mula sem cabeça também existe no México e ele disse “não sabia!” e eu disse que se chamava Malora.</p>
----------------	---

Excerto 6. Entrevista presencial (Oliveira, 2022)

Com a apresentação desses dois excertos, observamos que ambos trazem o cerne discutido acima, sobre os encontros virtuais serem também sobre compartilhar a história/cultura do outro.

No primeiro exemplo, temos a vivência que a aluna teve, pessoalmente, com as obras de arte do país do parceiro que ele mesmo não conhecia. Assim, com a frase “ainda vou conhecer tudo isso”, notamos que o conhecimento cultural mexicano, seu deu para o nativo do México, por meio da memória de uma interagente brasileira idosa que teve contato antes dele. Dado o exposto, identificamos a riqueza intergeracional dada na interação, pois, por conta da experiência de vida da participante, o aluno estrangeiro jovem pôde conhecer mais sobre

seu próprio país. Consideramos também que, o interesse pela participante em conhecer e pesquisar sobre a história e a arte pode ser advindo de sua profissão de professora de história

O Excerto 6, especificamente, contempla a temática da pesquisa no qual a aluna, ao ser questionada pelo parceiro mexicano sobre lendas urbanas, busca informações para sanar a dúvida do parceiro, bem como adquirir conhecimento sobre a cultura de seu próprio país.

A surpresa de ambos foi encontrar um ponto em comum nas duas culturas – a Mula sem cabeça/Malora. Nesse sentido, retomamos a discussão das relações entre culturas propostas neste trabalho, na qual defendemos o Teletandem como espaço de encontros transculturais, no qual as culturas se encontram, convivem e se reconhecem iguais e/ou diferentes entre elas (Zakir, 2015). Além de transcultural, ressaltamos o caráter intergeracional encontrado nesse evento, em que ambos acharam uma convergência em suas histórias, apesar de fazerem parte de gerações diferentes.

Com tais considerações, concluímos que o Teletandem é um espaço de ensino e de aprendizagem, no qual os interagentes compartilham vivências que catalisam a aquisição de língua e cultura. Pensando nisso, questionamos a Participante 2 sobre o âmbito da “aprendizagem”, já que o do “ensino” havia sido bastante discutido.

Pesquisador	Você sempre fala que “deu aula”, mas você também acha que aprendeu com os parceiros?
Participante 2	Aprendi! A maneira de conversar, a cultura, cinema, novelas mexicanas... eu via muito em filme e queria saber se era verdade. Mas eu percebi que ele tinha menos experiência universitária do que a menina, ele conhecia bem o português, como a menina.

Excerto 7. Entrevista presencial (Oliveira, 2022)

A Participante 2 esteve em dois grupos de interação, ou seja, teve dois parceiros diferentes, assim pôde trazer aspectos comparativos para a sua experiência. Ela concorda que não só ensinou, mas aprendeu também, entretanto, ressalta sobre a “experiência universitária” de ambos. Tal termo pode ser associado à maturidade dos parceiros, pois a parceira do grupo I é mais velha do que o parceiro do grupo II. Aplicado no contexto da entrevista, podemos afirmar que a aluna idosa pôde desenvolver melhor a interação com a participante do grupo I, talvez justamente pela maturidade dela.

As memórias laborais aparecem também quando relacionadas à UNATI. É interessante refletir como um grupo de pessoas que viveram décadas por um ponto de vista da sala de aula, voltam para ela em outra posição.

Pesquisador	Você ficou anos na frente da sala e agora na UNATI você inverte... como foi isso?
Participante 2	<p>Ah, foi tão diferente, tão gostoso! Eles falavam “gente, vamos parar de falar” e a gente falava “é... e só sentar numa cadeira que a gente vira aluno mesmo” (risos), mas foi muito bom. Foi uma experiência muito grande.</p> <p>(...)</p> <p>Falava “não pode apagar a lousa assim, tem que apagar assim... quando você for dar aula, pras crianças, você tem que fazer assim, assim, assim...” A gente trocava ideia com eles. A primeira menina que deu aula pra gente de espanhol era um doce de coco.</p>

Excerto 8. Entrevista presencial (Oliveira, 2022)

A participante, ao buscar as memórias do ensino presencial da UNATI, relembra algumas atitudes que elas (que foram outrora professoras) estavam cometendo ao estarem em outra posição física na sala de aula. Embora ela ressalte o saldo positivo em estar de frente para a lousa, comprehende sua posição de estudante ao “agir como um aluno”.

Devido às décadas vividas na sala de aula em frente à lousa, a participante comprehende que o agir discente nem sempre se dá de forma organizada e silenciosa, muito pelo contrário. Então qual é o motivo dessas pessoas agirem assim quando voltam a estudar na TI? Della Bella (2008, p. 35) comprehende que “justamente por se sentir já liberto dos compromissos e obrigações de outrora (trabalhar, cuidar da casa e da criação dos filhos) (...) Não há mais tempo a perder, ninguém a obedecer, é só ele e seu objeto de desejo, é sua oportunidade de realização”. Ou seja, sentar-se em uma cadeira da UNATI significa muito mais do que simplesmente focar em aprender um novo idioma, mas também socializar, interagir com as outras pessoas, com o ambiente e também com esse novo papel que lhes cabe.

Ainda sobre essa nova posição, a participante 2 retrata sua relação com os professores. Ao dar dicas para os professores voluntários em formação, diz que “não pode apagar a lousa assim, tem que apagar assim... quando você for dar aula, pras crianças, você tem que fazer assim, assim, assim”. Isso nos mostra, novamente, como o Conhecimento Pessoal Prático (Telles, 1999) e a experiência laboral permanecem sendo transmitidos de professores mais experientes para os menos experientes.

Embora os cursos de licenciatura promovam disciplinas focalizadas nas práticas de ensino e didática para a educação básica, acentuamos a importância do projeto UNATI também para os professores voluntários. Eles têm a possibilidade não apenas de praticar a teoria oferecida nas disciplinas, mas também de complementar a formação com as experiências docentes de professores aposentados que voltam a estudar na TI.

A seguir, apresentamos os relatos da Participante 1 sobre suas narrativas e memórias docentes.

Pesquisador	Você ficou 25 anos na escola e depois mais 9, como foi voltar a estudar na UNATI?
Participante 1	Agora eu sou aluna (risos).
Pesquisador	Como é essa mudança de posição?
Participante 1	É muito bom!
Pesquisador	Às vezes você olha pros professores e pensa “ah! eu faria diferente”?
Participante 1	Às vezes, principalmente nesse caso da gramática... eu faria mais leitura, audição... compreensão oral... Você deu contos nas aulas, né? Shakespeare... aquele outro texto... foi muito bom... foi bem marcante.

Excerto 9. Entrevista presencial (Oliveira, 2022)

A Participante 1 também salienta o saldo positivo de voltar a estudar na TI e, assim como a Participante 2, ressalta que existem momentos em que ela gostaria de interferir. Nesse caso, entendemos o perfil mais comedido da participante e, com a nossa experiência pessoal com a aluna, sabemos que ela não abriria um momento da aula para sugerir ou apontar algum posicionamento para o professor voluntário.

Relembramos que nosso contato com a turma dessas participantes se deu no curso “Inglês Avançado”, no ano de 2019 e, anos depois, a aluna expressa sua opinião sobre as sequências didáticas do pesquisador, confirmando, assim, nossa suposição sobre o perfil dela.

Ela fala também sobre a abertura que deveria ser dada à literatura. Como professora de Língua Portuguesa aposentada, a participante entende as necessidades e prazeres da leitura na sala de aula e, dessa forma, vemos mais uma vez as influências do “eu profissional” nas participantes que voltam para a sala de aula.

Para finalizarmos a análise, trazemos um excerto da Participante 1 que busca memórias sobre histórias durante seu tempo de trabalho.

Participante 1	<p>Eu me aposentei em 1996, eu achava que eu era muito nova, eu poderia dar muito mais. Então eu prestei o concurso novamente de português e consegui uma vaga aqui em Assis e trabalhei mais 9 anos. Depois eu resolvi parar, achei que não dava mais... eu me achava ultrapassada justamente pela tecnologia... Além disso, eu já não tinha mais diálogo com os alunos... me aposentei com 60 anos... às vezes eu me arrependo, acho que eu poderia ficar mais alguns anos. (...)</p> <p>Eu tentei o mestrado em literatura infantil, mas aí eu fiquei grávida. Além disso, os professores tinham que dar 44 aulas pra ganhar um pouco melhor, aí por conta disso eu desisti do mestrado.</p>
----------------	---

Excerto 10. Entrevista presencial (Oliveira, 2022)

Durante a entrevista, a aluna conta sobre sua primeira aposentadoria e o retorno para a sala de aula. O motivo da segunda saída da participante se deu por conta da tecnologia. Entretanto, ela acrescenta um fator, pois ela já “não tinha mais diálogo com os alunos... me aposentei com 60 anos”.

A intergeracionalidade pode ter consequências muito positivas como, por exemplo, a troca de experiências, atualização do conhecimento e o desenvolvimento da empatia. No entanto, esse mesmo movimento pode reforçar o idadismo, pois os idosos podem se sentir inferiorizados perante alguém mais jovem. Felizmente, não foi o caso de nenhuma das participantes e ambas tiveram experiências transculturais e intergeracionais positivamente frutíferas, durante suas interações de Teletandem.

Nesse mesmo excerto, a Participante 1 diz sobre não realizar um sonho, que era o acesso ao programa de pós-graduação da universidade que a formou. Aqui, entendemos a dificuldade de uma mulher-professora-mãe nos anos de 1970, que tinha de completar a carga horária para possuir um salário razoável.

A partir disso, notamos que hoje em dia, aproximadamente 50 anos depois, não houve muita mudança nesse quesito, pois os professores ainda precisam ter atribuído um número excessivo de aulas para conseguirem uma remuneração mínima condizente à formação que possuem. Por consequência, muitos profissionais não conseguem continuar com os seus estudos, assim como foi o caso da Participante 1.

O item de análise em questão almejou explorar as histórias docentes das participantes motivadas pelas interações e vivências no projeto, além de demonstrar as influências do agir profissional durante os encontros.

## 5 Considerações finais

Após a análise dos dados, compreendemos que as sessões em Teletandem propiciaram um espaço para as professoras aposentadas poderem memorar e praticar, de certa forma, suas antigas profissões de modo a colaborar com a formação de língua e cultura de seus parceiros. Além disso, também se beneficiaram, por meio da tecnologia, usarem a língua estrangeira e entrarem em contato com a cultura deles.

Diante do exposto, afirmamos que tal pesquisa atendeu à estratégia 2, “Intervenções educacionais”, do “Relatório Mundial sobre o Idadismo” (Global report on ageism) da OMS (2022). Tal estratégia expõe que “As atividades educacionais ajudam a melhorar a empatia, dissipar conceitos errôneos sobre diferentes faixas etárias e reduzir o preconceito e a discriminação ao fornecerem informações corretas e exemplos que combatam os estereótipos” (OMS, 2022, p. 19).

Além disso, ao viabilizar um espaço onde as alunas idosas mergulharam na transculturalidade com alunos jovens de outros países, alcançamos mais uma estratégia de combate ao idadismo: “Intervenções de contato intergeracional”, pois “As intervenções de contato intergeracional estão entre as mais eficazes para reduzir o preconceito contra as pessoas idosas, e também se mostram promissoras na redução do preconceito contra os jovens” (OMS, 2022, p. 19).

Incentivamos também a propagação de contextos (científicos ou não) que proporcionem, aos idosos, situações que os priorizem e proporcionem qualidade de vida. Assim, encorajamos a ciência e projetos sociais a adentrarem em estudos e ações sobre/para a velhice, sobretudo, na educação.

## Referências

AZEVEDO, A. M.; Fukushima, N. M. L.; Guimaraes, R. G.; Perseguino, M. G.; Cacozzi, A. Associação entre sintomas depressivos e qualidade de vida em idosos que frequentam a

Universidade Aberta da Terceira Idade. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 6, e4643, p. 1-15, 2024. <https://doi.org/10.55905/cuadv16n6-184>.

CACHIONI, M.; DE LIMA FLAUZINO, K. **Gerontologia educacional e a aprendizagem ao longo da vida**. Campinas: Alínea, 2023.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Teachers as Curriculum Planners: Narratives of Experience**. New York: Teachers College Press, 1995.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CUSTÓDIO, L. F. O. O processo de envelhecimento no capitalismo contemporâneo. **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, 2018. p. 1-16.

DELLA BELLA, M. A. A. G. **O ensino de idiomas para a terceira idade**: enfoque específico no ensino de língua italiana. 2007. 121 f. Dissertação (Mestre em Língua e Literatura Italiana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DEWEY, J. Experiência e pensamento. In: DEWEY, J. **Democracia e Educação**: introdução à filosofia da Educação. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979. p. 152-166.

DE OLIVEIRA, V. C. **Encontros transculturais e histórias na Terceira Idade**: Uma experiência em Teletandem. 2022. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2022.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. [s.l.]: E.P.U., 2013.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MORAES-CARUZZO, V. N. R. **O ensino-aprendizagem remoto de inglês para a terceira idade mediado pelas tecnologias digitais**: parâmetros humanos e técnicos. 2023. 325 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2023.

MORAES-CARUZZO, V. N. R.; OLIVEIRA, V. C. Conscientização gerontológica para a atuação docente-científica de professores de línguas estrangeiras com o público da terceira idade. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 12, n. 1, 2023. DOI: [10.35819/tear.v12.n1.a6641](https://doi.org/10.35819/tear.v12.n1.a6641).

O'DOWD, R. Telecollaboration and CALL. In: THOMAS, M.; REINDEERS, H., WARSCHAUER, M. (org.). **Contemporary Computer-Assisted Language Learning**. London: Bloomsbury Academic, 2013. p. 123-141.

OLIVEIRA, V. C.; ÁVILA, A. B.; ZAKIR, M. A.; MESSIAS, R.A.L. Intercâmbio virtual em tempos pandêmicos: perspectivas de Teletandem autônomo. **Revista do GEL**, v. 20, n. 3, p. 237-254, 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Nações Unidas Brasil. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 10 jan. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Global Report on Ageism**. Genebra: OMS, 2021. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/340208>. Acesso em: 10 jan. 2025.

TAVARES, C. N. V.; MENEZES, S. F. Terceira Idade: Questões de Designação. In: TAVAREZ, C. N. V.; MENEZES, S. F. (org.). **Envelhecimento e modos de ensino-aprendizagem**. Uberlândia: EDUFU, 2020. p. 21-31.

TAVARES, M. A. Envelhecimento e trabalho na sociedade capitalista. **Revista Katál.**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 143-151, jan.-abr. 2020.

TELLES, J. A. A trajetória narrativa: histórias sobre a formação do professor de línguas e sua prática pedagógica. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 34, p. 79-92, 1999.

TELLES, J. A. Projeto Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para Todos – Ensinando e Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem via MSN Messenger. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 2006.

TELLES, J. A.; VASSALLO, M. L. Foreign language learning in-Tandem: Teletandem as an alternative proposal in CALLT. **The Specialist**, v. 27, p. 189-212, 2006.

ZAKIR, M. A. **Cultura e(m) telecolaboração**: uma análise de parcerias de teletandem institucional. 2015. 232 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2015.